



A CARTA QUE OS PÁSSAROS ESCREVERAM

(Condensado de
«The Daily Times Herald» de Dallas)

Por John William Rogers

Esta história verídica foi contada ao autor pela filha do advogado Daniel Upthegrove. Trata-se de um caso tão extraordinário que merece ser conservado entre os dramas vívidos e inesperados que, de quando em quando, acontecem nos tribunais.

DANIEL UPTHEGROVE era um eminente advogado nos primórdios do Texas. Em princípios do decênio de 1870-80, sendo êle ainda moço e estando no início de uma carreira

promissora, viviam não longe de Greenville duas importantes famílias que eram vizinhas e muito amigas. Numa delas havia um rapaz chamado Tom e na outra uma jovem chamada Júlia. Tom e Júlia se enamoraram e ficou entendido que as famílias abençoariam a futura união.

Um dos costumes da época era passarem os jovens alegremente os fins-de-semana numa fazenda. Os rapazes, naturalmente, iam armados, mas para evitar possíveis complicações as armas eram recolhidas e guardadas à chave no alojamento dos empregados, sendo devolvidas aos respectivos donos quando o grupo se dispersava.

Estavam Tom e Júlia num desses folguedos semanais quando aconteceu fazer parte do rancho, como convidada, uma jovem de outra cidade, criatura viva e simpática, que pareceu causar grande impressão a Tom no momento em que a viu. Foram tantas as atenções por êle dispensadas à visitante que, pela tarde do domingo, Júlia teve um acesso de ciúme e os dois tiveram uma briga violenta.

Irritado, Tom negou-se a interromper suas demonstrações de deferência a Helena, a visitante, e à noite o grupo se alarmou ao descobrir que Júlia havia desaparecido. Iniciada a procura, somente na manhã seguinte a encontraram. Jazia ela a alguns quilômetros da casa da fazenda, debaixo de um carvalho, à margem do rio Sabine. Tinha sido morta com um tiro e a seu lado estava uma arma—a arma de Tom.

Os componentes do rancho sabiam da briga entre os dois namorados e logo pesaram sôbre Tom graves suspeitas. O rapaz protestou inocência, alegando completo desconhecimento da maneira como sua arma fôra parar ali.

As duas famílias que tinham sido tão amigas tornaram-se inimigas fidaes. O pai de Tom procurou o jovem Daniel Upthegrove para lhe confiar a defesa do rapaz, e o advogado, depois de ter conversado com Tom, convenceu-se da sua inocência e aceitou a causa. Mas o horrível fato de ter sido encontrado ao lado da morta o revólver de Tom não tinha explicação. A animosidade da vizinhança contra o pobre rapaz chegou a tal ponto que era evidente não ser possível haver para êle um julgamento imparcial.

Sendo êsse o ambiente, Upthegrove cõseguiu a protelação do julgamento. Continuava persuadido da inocência do jovem, mas nada lograva descobrir que destruísse a forte prova circunstancial que apontava Tom como assassino. Por fim, sentindo que sòmente a Providência podia mostrar o caminho, orou pedindo as luzes do alto.

Ora, um dos amigos menos conspícuos de Daniel Upthegrove era um velho índio que tinha perdido um dedo do pé e era conhecido pelo nome indígena de Quatro Dedos. O índio gostava de empinar o copo, mas, embriagado ou não, estimava o jovem advogado e quando vinha à cidade sempre arranjava um meio de

fazer-lhe uma visita. Um dia Upthegrove notou que Quatro Dedos trazia na mão um pedaço de papel manchado pelo tempo, do qual fêz-lhe entrega com evidentes mostras de respeito.

—Que papel é êste? perguntou Upthegrove, intrigado.

—Carta que o pássaro escreveu, tornou o índio.

—Você está bêbedo! Onde já se viu pássaro escrever carta?

—Mim não bêbedo; esta carta pássaro escreveu. Achei no ninho de corvo.

—Deixe-me vê-la.

O advogado olhou o papel e arregalou os olhos. No meio havia um rasgão, mas ainda se podia decifrar claramente o seguinte:

Querido Tom:

Sabes que te amo e pensei que também me amasses, mas depois do que houve na noite passada, é evidente que perdes a cabeça com o frufu de saia da primeira sirigaita que passa por ti. Agora vejo que para nós não há futuro, e esta é para mim a solução mais rápida...

Júlia

O bilhete era do próprio punho da morta. Quando se soube do caso, as pessoas que tinham encontrado o corpo da jovem se recordaram que sôbre o seu seio havia uma coisa para a qual não acharam explicação. Prêso por um alfinête de ouro, estava sôbre o seu peito um pedacinho de papel.

Quatro Dedos parecia convicto de que a sua carta tinha sido escrita

pelos pássaros em cujo ninho êle a achara. Mas o que Daniel Upthegrove elucidou com clareza perante o júri foi que, antes de ser encontrado o corpo de Júlia, um corvo curioso tinha visto, tremulando com a aragem, a carta que a moça prendera ao

seio, e, segundo o costume dos corvos, descera rapidamente e a arrebatara com o bico, levando-a para o ninho que estava fazendo. E assim a carta que os pássaros tinham escrito salvou a vida de um homem num tribunal.

Legendas de caricaturas

UM BROTINHO a outro:—Êle me disse que meus beijos lhe subiam à cabeça . . . depois descobri que andava misturando as bebidas!

—Bo Brown, em *Gourmet*

MARIDO À MULHER: —Até que enfim obtive o aumento, querida. Agora podemos nos dar ao luxo de viver como vínhamos vivendo.

—George Hamilton Green, em *Collier's*

COLEGIAL queixando-se ao colega: —Antigamente eu passava a semana em casa, resfriado. Agora, com essas drogas milagrosas, tenho de voltar à aula no dia seguinte.

—George Clark, Chicago Tribune-New York News Syndicate

UMA CORISTA à outra: —Êle gosta de estar na minha companhia e eu adoro estar em companhia dêle. Creio que isso se chama Truste de Fidelidade.

—William von Riegen, em *Collier's*

HOMEM, mostrando fotografia dêle com um peixe, a um vizinho: —Mas foi minha filha quem pegou o maior peixe de nossas férias . . . um rapaz de 22 anos!

—Galbraith, NEA

UMA PEQUENA à outra: —Foi horrível! Eu estava com o meu suéter novo de lã angorá e êle de terno azul-marinho.

—Cavalli, em *The Saturday Evening Post*

GARÔTA FASCINANTE a um colega de trabalho: —Sim, posso dizer-lhe como arranjei o *meu* aumento, mas não creio que adiante muito a *ocê*.

—Larry Harris, em *The Saturday Evening Post*